

UMA PROPOSTA DE PESQUISA: A *BATALHA DO IRANI* AS PÁGIAS DA IMPRENSA CATARINENSE E PARANAENSE NO FINAL DE 1912

GABRIEL CARVALHO KUNRATH; MÁRCIA JANETE ESPIG²;

¹Universidade Federal de Pelotas – gabrielkunrath@icloud.com

²Universidade Federal de Pelotas – marcia.espig@terra.com.br

1. INTRODUÇÃO

Na madrugada de 22 de outubro de 1912, aconteceu nos campos do Irani um combate entre alguns devotos do Monge José Maria e uma parcela do Regimento de Segurança do Paraná, liderados pelo comandante João Gualberto. Esse embate ocorreu após José Maria e alguns de seus seguidores saírem de Taquaruçu (SC) e se dirigirem a localidade do Irani (PR) depois de supostas desavenças com o principal coronel daquela região, o Coronel Albuquerque. Este, a fim de causar um fato político, informa ao Governo do Estado de Santa Catarina que o movimento estabelecido naquela região teria proclamado a monarquia.

Este conflito ficou conhecido como *A Batalha do Irani*, no qual morreram tanto o monge José Maria quanto o Coronel João Gualberto, além de outros indivíduos que participaram da batalha ao lado do monge e do Coronel. Sabemos através da historiografia que cerca de 200 sertanejos teriam lutado ao lado de José Maria, já do lado das forças comandadas por João Gualberto teriam participado cerca de 64 homens, conforme Vinhas de Queiroz (1966) aponta. Mesmo tendo levado cerca de 400 oficiais para a região, o Coronel teria muita confiança em sua metralhadora Maxim, de última geração, e “subestimava a capacidade de resistência dos sertanejos” (MACHADO, 2004. p. 186)

Uma batalha muitas vezes acaba por ser “ao mesmo tempo a conclusão e o ponto de partida” (DUBY, 1993, p. 18) de um conflito. *A Batalha do Irani* tem sido considerada pela historiografia como o marco inicial da Guerra do Contestado, entretanto, ela representou o fim daquele movimento sertanejo que estava surgindo em 1912 na ótica dos governos como podemos perceber através das notícias veiculadas na imprensa paranaense e catarinense.

Para compreender melhor a *Batalha do Irani* é preciso considerar que a mesma não é um fato isolado, mas sim um acontecimento que está inserido em um contexto cultural e social específico, ou seja, ela está inserida dentro das transformações que o Brasil vinha atravessando com o advento da República, principalmente os Estados de Santa Catarina e Paraná, que acabou por resultar na Guerra do Contestado. É importante considerar que os traços culturais e sociais que envolvem a *Batalha do Irani* são bem mais antigos do que o advento republicano no Brasil, consideramos que estes traços começam a ser forjados juntos com o processo de povoamento da região, no interior do Estado de Santa Catarina e Paraná.

Embora tendo consciência, que os jornais acabam se configurando, como diários do cotidiano, mesmo eles sendo produzidos com determinados objetivos e com discursos estabelecidos, a fim de atingir um determinado público. Partilhamos da crença que através do uso de alguns periódicos da época: os jornais do Estado do Paraná - *Diário da Tarde* e *A República* – e, também, os jornais de Santa Catarina - *Jornal do Comércio* e *O Dia*. A realização da leitura e análise, com um foco nas publicações realizadas por estes periódicos, entre os meses de agosto e dezembro de 1912, bem como com o apoio de bibliografia

sobre o tema específico (Guerra do Contestado) e geral (história do Brasil), será possível ampliar a compreensão de como a imprensa noticiou os acontecimentos sobre o confronto dos Campos do Irani, estabelecendo um contraponto entre as informações veiculadas em cada Estado.

É justamente pensando que uma pesquisa com a escala de análise focada na *Batalha do Irani* e nas suas motivações, torne-se possível estabelecer parâmetros para uma resposta a estas questões e, assim, construir avanços na historiografia sobre o tema, pois muitas vezes ao utilizar estas variações de escala, conseguiremos compreender melhor os pormenores dos acontecimentos, trazendo a luz informações que tinham por passado despercebidos, ou escapado de outros pesquisadores, devido a escala de análise que estes utilizaram, bem como seus objetivos de pesquisa. Se faz de suma importância destacar que a presente pesquisa está em andamento e que sua conclusão resultará no Trabalho de Conclusão de Curso para a obtenção do grau de Bacharel em História pela Universidade Federal de Pelotas.

2. METODOLOGIA

Por volta dos anos 70 os jornais começaram a ser utilizados como fontes na realização de pesquisas históricas, junto com outros tipos de matérias que anteriormente não eram utilizados na produção de textos historiográficos. Entretanto é preciso levar em consideração alguns pontos relativos a utilização de jornais como fonte histórica, principalmente em pesquisas que visam utilizar periódicos anteriores as décadas de 1940 e 1950, como é o caso deste projeto. Por volta dessa época que surge a imprensa como conhecemos hoje, uma imprensa de informação, na qual começa a surgir a pretensão de se constituir uma imprensa sem julgamento crítico, porém agora com uma pretensão de “objetividade”, como nos aponta Espig (1998). Os jornais anteriores aos anos de 40/50 se constituem como jornais de opinião, pertencentes a chamada “imprensa de opinião”, com uma forte posição política e muitas vezes como um meio de defesa ou de oposição a governos.

Durante os anos de 1970 ocorre o surgimento da micro-história como uma perspectiva teórica. “A micro-história como uma prática é essencialmente baseada na redução da escala da observação, em uma análise microscópica e em um estudo intensivo do material documental” (LEVI *in* BURKE, 1992, p. 136). Para Revel a alteração da escala de análise é fundamental para a definição de micro-história, é através da redução de escala que podem ser percebidos determinados aspectos de um acontecimento, que se fossem analisados em uma escala mais ampla, provavelmente passariam despercebidos. Ou seja, realizar uma pesquisa histórica partindo de uma escala reduzida não representa “diminuir o tamanho do objeto no visor, significa modificar sua forma e sua trama” (REVEL, 1998, p. 20). Nesse sentido Revel (1998) ainda traz um exemplo dos usos de variações de escala em mapas, no qual determinada escala não representa um mapa maior ou menor em suas dimensões físicas, porém ela determina uma nova interpretação do conteúdo que determinado mapa apresenta. Segundo Ginzburg “[...] reduzir a escala de observação queria dizer transformar num livro aquilo que, para outro estudioso, poderia ter sido uma simples nota de rodapé [...]” (GINZBURG, 2007, p. 265).

Além da escala de análise ser fundamental para caracterizar as obras de micro-história, outro pressuposto desta corrente que se faz importante destacar aqui é a utilização de uma grande quantidade de fontes, “[...] nesse sentido, a evidência documental terá preponderância frente à teoria, podendo inclusive

contribuir para sua reelaboração” (ESPIG, 2006, p. 210), sendo assim os estudos de micro-história vão buscar diferentes fontes que abordam seus objetos de pesquisas, resultando assim num grande volume documental. A escolha das fontes que se pretende utilizar nesta pesquisa leva em consideração este pressuposto, de um grande volume documental.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Partindo do pressuposto que a *Batalha do Irani* vai além do combate travado no dia 22 de outubro de 1912, que ela envolve outros agentes sociais que não se encontravam presentes nos Campos do Irani, existe toda uma série de transformações, que se faz necessário ter conhecimento para compreensão deste fato histórico. Nesta perspectiva, pretende-se através das notícias veiculadas na imprensa catarinense e paranaense, analisar em que medida a questão de limites, os aspectos religiosos ligados aos monges João e José Maria, o mandonismo dos coronéis, a inserção do capitalismo através da Estrada de Ferro São Paulo-Rio Grande, os problemas de terras enfrentados pelos pequenos posseiros são apresentados por estes periódicos. Destacar como estes aspectos estão presentes na *Batalha do Irani*, bem como se as publicações realizadas por estes periódicos criaram um clima de que aquela região, enfrentava problemas devido a presença de José Maria e seus seguidores e, analisar, se através disso a ação do Governo se justifica, estabelecendo um contraponto entre as notícias publicadas em cada Estado.

Cabe aqui destacar que a presente pesquisa está no início, e devido a este fato não conseguimos apresentar resultados relevantes. Entretanto ela tem entre os seus objetivos analisar como a imprensa de Santa Catarina e do Paraná, através dos jornais *Folha do Comércio*, *O Dia*, *Diário da Tarde* e *A Republica* repercutiram os acontecimentos daquele 22 de outubro e suas consequências, estabelecer uma comparação entre as notícias vinculadas por cada jornal para os meses de setembro a dezembro, buscando entender melhor o contexto em que a *Batalha do Irani* está inserida e compreender como as transformações que vinham ocorrendo no sertão catarinense e paranaense são noticiadas na imprensa destes estados durante o período estudado, bem como concluir em que medida estas transformações estão presentes na *Batalha do Irani*.

4. CONCLUSÕES

Como o presente trabalho encontra-se em desenvolvimento, não conseguimos apresentar muitos resultados, entretanto através das leituras já feitas dos jornais que utilizamos como fonte de pesquisa e da bibliografia constatamos que *A Batalha do Irani* foi um evento que marcou profundamente a vida da sociedade paranaense e catarinense naquele ano de 1912. A morte de João Gualberto causou um grande impacto na capital paranaense. Espera-se que ao concluirmos a pesquisa consigamos disponibilizar um texto que apresente os acontecimentos do dia 22 de outubro de 1912 através do olhar da imprensa de uma nova forma, com uma análise muito mais aprofundada devido a escala de observação escolhida para desenvolver a presente pesquisa e um texto que reconstrua o contexto histórico em que nosso objeto de pesquisa está inserido juntamente com a análise do mesmo. Espera-se que este trabalho promova avanços na historiografia sobre a Guerra do Contestado e que ele também consiga chegar a um melhor sobre *A Batalha do Irani*.



5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- DUBY, G. **O domingo de Bouvines: 27 de Julho de 1214**. Tradução Maria Cristina Frias. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.
- ESPIG, M. “Uma poeira de acontecimentos minúsculos”: algumas considerações em torno das contribuições teórico-metodológicas da micro-história. **História Unisinos**, Porto Alegre, Volume 10 Nº 2, p. 201 – 213, maio/agosto 2006.
- _____. O uso da fonte jornalística no trabalho historiográfico: o caso do Contestado. **Estudos Ibero-americanos**, Porto Alegre, v. XXIV, n.02, p. 269 – 289, 1998b.
- _____. **Personagens do Contestado**: os turmeiros da Estrada de Ferro São Paulo – Rio Grande (1908 – 1915). Pelotas, Editora Universitária/UFPel, 2011. p. 39 – 72.
- GINZBURG, C. **O fio e os rastros: verdadeiro, falso, fictício**. Tradução de Rosa Freire d’Aguiar e Eduardo Brandão. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. Pág. 249 -273.
- LEVI, G. Sobre a micro-história. In: BURKE, P. (org.) **A escrita da história**: novas perspectivas. São Paulo: UNESP, 1992. p. 133-161.
- LUCA, T. R. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: **Fontes Históricas**. PINSKY, Carla Bassanezi. 2º ed, 2º reimpressão. São Paulo: Contexto 2010.
- MACHADO, P. P. **Lideranças do Contestado**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2004.
- REVEL, J. (org.) **Jogos de escala**: a experiência da micro-análise. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998. p. 15 -38